505.469

JORNAL DE SCIENCIAS

MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES

PUBLICADO SOB OS AUSPICIOS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

SEGUNDA SÉRIE—TOMO II

Setembro de 1890 a Dezembro de 1892

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1892

SMITHSONIAN INSTITUTION
U. S. NATIONAL MUSEUM

REVISÃO DOS REPTIS E BATRACHIOS DE PORTUGAL

POR

J. BETTENCOURT FERREIRA

Desde uma epocha de mais decisiva prosperidade para o Museu de Lisboa, as colecções herpetologicas nacionaes constituem uma parcella minima mas não pouco interessante das acquisições feitas para este instituto, depois da sua instalação na Escola Polytechnica em 1858.

É certo que antes d'esta data as especies da fauna indigena eram raras apenas no numero, naturalmente por até então se terem dado mais á procura de exemplares exoticos, desprezando injustamente os productos naturaes do paiz.

Segundo affirmações do sr. professor Barboza du Bocage,[1] a collecção herpetologica portugueza era menos que pobre, na transferencia do Museu Nacional da Academia Real das Sciencias para a Escola Polytechnica, e só muito depois é que começaram a poder contar-se *alguns exemplares* d'esta fauna, infelizmente votada a desprezo e antipathias que realmente não merece, bem pelo contrario.

No citado opusculo de S. Ex.ª, actual director da secção zoologica, são mencionados em 1862, como curiosidades que valha a pena adquirir, varios especimens de Salamandras e em especial o *Pleurodelles Waltli,* Michah.

Em 1863 podémos conhecer as posses da secção em reptis e batrachios, cuja lista publicada na *Revue et Magazin de Zoologie,* de Guerin Meneville, em setembro do mesmo anno, pelo sr. Barboza du Bocage, reproduzimos aqui para comparação e estatistica[2].

---

[1] Barboza du Bocage, *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa.* 1862.

[2] B. du Bocage, *Liste des mammifères et reptiles observés en Portugal*—in *Rev. Mag. Zool.,* xv, 1863.

REPTIS

I. Chelonios: *Sphargis coriacea,* D. B. (Dermochelys coriacea, L.)
Emys sigriz, D. B. (Clemmys leprosa, Schw.)
Cistudo europœa, D. B. (Emys orbicularis, L.)
Chelonia caouana, D. B. (Thalassochelys caretta, L.)

II. Saurios: *Plactydactylus muralis,* D. B. (P. mauritanicus, L.)
Tropidosaura algira, (L).
Lacerta ocellata, Daud.
Lacerta viridis, Daud.
L. muralis, Laur.
Psammodromus Edwardsi, D. B. (P. hispannicus, Fitz.)
Amphisbaena cinerea, Vand.
Seps chalcides, Ch. Bp. (S. chalcides, L.)
Anguis fragilis, L.

III. Ophidios: *Rinechis scalaris,* Bp.
Tropidonotus natrix, D. B. (T. natrix, L.)
T. viperinus, D. B. (T. viperinus, Latr.)
Periops hippocrepis, Wagl.
Caelopeltis insignitus, Wagl. (var. Neumayeri, Bp.)
Vipera ammodytes, D. B. (V. Latastei, Boscá).

IV. Batrachios: *Rana viridis,* D. B. (R. esculenta, L.)
R. Temporaria, D. B. (R. fusca, Rœsel, R. iberica, Bouleng.)
Discoglossus pictus, Otth.
Alytes obstetricans, Wagl.
Hyla viridis, Laur. (H. arborea, L.)
Bufo vulgaris, Laur.
Salamandra maculosa, Laur.
Pleurodeles Waltli, Michah.
Triton marmoratus, Latr.
T. palmatus, Schnd.
Euproctus Rusconi, D. B.? (T. platycephalus, Grav.)

Não pertence esta ultima especie á fauna portugueza, como se acha verificado pelo dr. Bedriaga, que estudou particularmente as especies d'este genero e que recentemente nos diz[1] que aquella especie deve ser riscada da nossa fauna.

---

[1] Bedriaga, *Amphibiens et reptiles recueillis en Portugal par Mr. A. Moller,* Coimbra, 1890.

Constava, portanto a referida lista de 29 especies averiguadamente portuguezas, algumas representadas por numero apenas sufficiente de exemplares, alguns dos quaes muito bons.

De então até hoje valiosissimas contribuições de distinctos zoologistas e dedicados amadores teem successivamente augmentado as collecções de herpetologia nacional e conseguintemente o conhecimento geral e especial d'este grupo, dando a novidade de outras fórmas, de especies novas, observadas e estudadas entre as que pululam no paiz, promiscuas, n'uma vulgaridade indifferente para quasi todos.

Além do que se deve n'este ramo ao penetrante estudo e á illustrada vocação e cuidados do sr. professor Barboza du Bocage, muito contribuiram para alongar a lista de batrachios e reptis os srs. professor Mattozo dos Santos, A. Girard, A. Moller, dr. Bedriaga, Boscá, Hans Gadow, E. Sequeira, Maltzan e Bœttger que se dedicaram com um criterio elevado ao estudo das especies herpetologicas portuguezas e peninsulares, respigando entre ellas o que houvesse de notavel e digno de particular attenção.

Ainda assim não se pode dar por findo o estudo da herpetologia portugueza e ha duvidas a resolver sobre algumas especies do nosso paiz, incertezas que só podem converter-se na verdade por meio de uma exploração bem dirigida, ou melhor de frequentes explorações.

Entre outras causas d'esta deficiencia sobresae o não ter a captura d'estes animaes atractivos para qualquer naturalista amador, por motivo da repulsão que instinctivamente e preconceituosamente as mais das vezes exercem no vulgo, além de um vago receio, que desvia quasi todos da pesquiza das especies herpetologicas, da observação dos seus costumes e da delimitação das suas areas de dispersão. Opera-se mesmo uma destruição supersticiosa ou mal avisada d'estes animaes, que pode privar um dia a agricultura de muitos dos seus melhores defensores contra os insectos damninhos e que entretanto desperdiça exemplares interessantes, cuja reproducção não é de tal modo abundante que compense a desatinada destruição que n'elles fazem por toda a parte.

Devem-se comtudo ao trabalho e curiosidade de varios amadores colheitas mais copiosas, ou pelo menos alguns exemplares mais, entre outros aos srs. Roza de Carvalho, Roberto Guimarães, Lima e Lemos, dr. Paulino d'Oliveira, J. Augusto de Sousa, Manuel de Sousa, Julio d'Aguiar, Fernandes Costa, Judice dos Santos, Le Coq, Batalha Reis, Larcher.

Algumas especies e variedades mais poderiam, no entanto, figurar nas seguintes listas, se a presença de documentos em numero e qualidade sufficiente nos conduzisse a assegurar a existencia de certas fórmas em Portugal, reconhecida a sua identidade de um modo inequivoco. A falta de comparação de exemplares, consequente da escassez de numero, não permitte fixar bem os caracteres de certas especies e variedades e dar unidade aos esforços taxonomicos empregados para systematizar esta divisão da fauna nacional, de maneira que por vezes se tem estabelecido confusão, entre fórmas de semelhança exte-

rior ou mais ou menos proximas mas intimamente diversas, como por exemplo entre o *Triton palmatus* (Schnd.) e o *Pelonectes Boscai,* Lat.[1]

Por estes motivos o nosso presente trabalho mostra uma phase e não marca um termo n'estes estudos.

*
* *

Por equivoco foi dado como da nossa fauna o *Triton parisinus,* Laur. *(T. tæniatus,* Schnd.) tratando-se de uma especie nova, *Pelonectes Boscai,* Lat. que o notavel herpetologista francez, sr. Lataste reconheceu primeiro e que foi descripta por Tourneville[2], proxima do *T. helveticus* Razoum. *(T. palmatus,* Schd.) e do precedente, sufficientemente distincta para constituir uma especie nova.

Já anteriormente o sr. Boscá notara no seu catalogo[3], a menção inexacta que tinha sido feita do *T. parisinus* em Portugal, devendo a referencia ser feita ácerca do *T. palmatus* (Schd.) cuja existencia no nosso paiz foi contestada pelo sr. Bedriaga no seu citado estudo dos reptis e batrachios de Portugal e que restituimos, por assim dizer, á nossa fauna n'uma precedente publicação.

Foi tambem a nova especie do sr. Lataste descripta pelo professor Bœttger, de Francfort, como uma especie distincta ou subespecie do *T. palmatus* (Schnd.) a que deu o nome de *T. Maltzani,* denominação que entra na synonymia de *Pelonectes Boscai.*

Coexistem, portanto, em Portugal, não sendo vulgares, o *T. palmatus* e o *Pelonectes Boscai,* do qual muitos exemplares confirmam a existencia aqui.

Em 1864 dotou o sr. professor Bocage a herpetologia nacional com o conhecimento de uma fórma curiosissima que é um genero e uma especie completamente novos, pertencentes á mesma familia, a *Chioglossa lusitanica,* Bocage,[4] e que com a maior probabilidade é exclusiva da peninsula iberica e talvez só encontravel em Portugal.

---

[1] No citado estudo do dr. Bedriaga notamos com surpreza esta confusão que precedentemente tivemos occasião de notar, e que a persistir diminuiria de uma especie a lista dos nossos batrachios. (Vid. *Jor. Sc. Phys. Math. Nat.* 2.ª serie, n.º VII, Lisboa, 1892).

[2] Tourneville, *description d'une nouvelle espèce de batracien urodèle d'Espagne (Pelonectes Boscai,* Lataste) in *Bull. Soc. Zool. de France,* IV, pag. 69, (1879).

[3] Boscá, *Cat. de los rept. y anf. obs. en Esp., Port. i isl. Baleares,* 1877.

[4] B. du Bocage, *sur un nouveau batracien du Portugal,* in *Rev. et Mag. Zool.,* XVI, p. 248, pl. XXI, (1864).

*
* *

Depois dos admiraveis trabalhos de Fatio[1] e Boulenger[2] sobre a *Rana temporaria,* L., esta, por assim dizer, desdobra-ae em duas especies que teem representantes em Portugal, *R. fusca,* Roesel, e *R. iberica,* Boulgr.

No genero *Rana* apparece mais uma variedade que o sr. Bœttger affirma existir no nosso paiz, descripta por Seoane[3], a *R. esculenta Perezi,* encontrada no Porto por aquelle naturalista.

O genero *Alytes,* Wagl., desenvolve-se tambem em duas especies e mais uma variedade—*A. obstetricans,* Wagl., com a var. *Boscae,* Lat.[4] e o *A. Cisternasi,* Boscá[5], de que ainda não nos foi possivel obter exemplar algum de adulto, mas que por informações sabemos ser raro e provavelmente não estende a sua area de dispersão áquem da parte oriental do Alemtejo. O sr. Bedriaga diz que existem exemplares d'esta especie no Museu da Universidade de Coimbra, capturados pelo sr. A. Moller, mas descreve-a por exemplares de Hespanha enviados pelo sr. Boscá.

Até aqui só nos chegaram alguns gyrinos que determinámos incertamente como d'aquella especie, trazidos da Beira Alta pelo sr. Lima e Lemos. Analogamente para o *Pelodytes punctatus,* Daud., que os srs. Boscá e Gadow dizem ter encontrado, aquelle em Portalegre e Valença e este no Porto (E. Sequeira e L. Vieira), e de que não descobrimos exemplar algum nas collecções do Museu de Lisboa.

Ao lado da conhecida *Hyla arborea,* (L.) descreveu o sr. Bœttger uma variedade a que deu o nome de *meridionalis*[6], e que o notavel naturalista hespanhol D. Ed. Boscá descreve tambem como especie nova *H. Perezi,*[7] a qual o dr. Bedriaga inclue na synonymia da primeira especie. Se não bem distincta d'esta, a *H. Perezi* não deixa de ser uma variedade diversa que habita no nosso paiz e que, comquanto muito proxima da fórmat ypo, é tambem uma diversificação já notavel, não talvez bastante para fundar uma especie nova, mas sufficiente para destacar uma sub-especie ou variedade.

---

[1] Fatio, *Faune des Vertebrés de la Suisse,* III, Rept. Genève et Bale, 1872.

[2] Boulenger, *Étude sur les grenouilles rousses,* in *Bull. Soc. Zool. de France,* IV, 1879.

[3] Seoane, *On two forms of Rana from N. W. Spain* in *Zoologist,* may 1885.

[4] Lataste, *Rev. intern.,* 2.ª au., p. 543.

[5] Boscá, *An. Soc. Esp. Hist. Nat,* VIII, p. 217 (1879).—Lataste, *Sur un nouveau batracien anoure, C. R. Acad. Sc. Paris,* t, LXXXVIII, p. 983 (1879).

[6] Bœttger, *Beit. Kent. Rept. und Amph. Spanien und Balearen,* apud Bedriaga, *loc. cit.*

[7] Boscá, in *An. Soc. Esp. Hist. Nat.,* IX, 1880, ibid., X, lam. III, 1881.

Fatio justifica essa modificação especial quando descreve a *H. arborea*[1]: «Cette espèce varie énormément non seulement avec l'habitat et les conditions, mais encore, chez le même individu et très promptement, selon les circonstances; celà à tel point que plusieurs auteurs ont, comme nous l'avons vu plus haut (p. 288 a 290), attribué à la Rainette la faculté de changer à volonté de livrée pour s'identifier avec son entourage».

Antecedentemente tambem Dugés havia notado este phenomeno dando-lhe a significação do que hoje se designa com a palavra *mimetismo* e que Fatio simplesmente attribue á influencia do meio mais ou menos humido, secco, illuminado ou escuro.

Comparando as descripções dadas da fórma typo e das suas variedades por Boulenger[2] e Bedriaga[3], as differenças admittidas não chegam para isolar uma outra especie d'entre as fórmas que se podem encontrar junto da typica.

O sr. Bedriaga descreve mais uma variedade nova — var. *Molleri* que diverge do typo conhecido de *Hyla,* não tanto que possa constituir outra especie, mas a que se afasta mais d'elle, tendo os pés muito mais compridos que as tibias, o focinho mais saliente, o sacco vocal maior e os desenhos caracteristicos mais accentuados.

*
* *

Tambem na classe dos Reptis ha varios accrescimos á lista dos que existem em Portugal com conhecimento dos investigadores.

São assignalados uns poucos de exemplares de uma nova sub-especie do *Gongylus ocellatus,* Wagl., — o *G. ocellatus Bedriagai,* descripto pelo sr. Boscá[4] e pelo sr. dr. Bedriaga com o nome de *Chalcides Bedriagai,* que é exclusivo da Peninsula iberica e entre nós muito raro. Boulenger descreve exemplares procedentes do Porto e o sr. Lopes Vieira menciona um exemplar capturado na Serra d'Aire. Em dois exemplares do Museu, só um dos quaes em estado de se observar, não reconhecemos a nova sub-specie, que aliás é natural e provavel que habite tambem o nosso paiz.

Os exemplares de *Acanthodactylus* foram para nós objecto de particular e demorada attenção, o que nos levou a declarar uma variedade ainda não completamente determinada como tal e referida ao *A. vulgaris,* D. B., do qual se differença, como já tivemos occasião

---

[1] Fatio, *loc. cit*

[2] Boulenger, *Cat. of. Batr. Sal. Brit. Mus.*, p. 379–389, Londres, 1882.

[3] Bedriaga. *loc. cit.*

[4] Boscá, *Gongylus Bedriagai, nueva sub-especie de la Peninsula iberica, An. de la Soc. Esp. de Hist. Nat.*, IX, p. 495 (1880).

de publicar[1], por varios caracteres distinctivos, e que nos parece ser a fórma portugueza d'aquella especie, embora pouco diversa, mas mostrando uma modificação consideravel que fórma transição para o *A. lineo-maculatus,* D. B., que substitue talvez no entre nós.

O dr. Bedriaga descreveu em parte esta variedade portugueza de *Acanthodactylus,*[2] mas sem lhe dar nem mesmo a importancia de simples variação. No emtanto esta distincção tem quanto a nós uma razão de ser analoga á que separa as variedades da *Hyla arborea* e da *R. esculenta.* O apuramento d'esta variedade portugueza, que por justissimas considerações illustrámos com o nome do sabio professor sr. Barboza du Bocage, foi feito sobre poucos exemplares, alguns recentes e em bom estado de conservação, devidos ao actual dignissimo conservador da secção zoologica o sr. A. Girard.

Do *Tropidosaura algira* (L.) podemos actualmente apresentar mais uma variedade que vem apontada por Schreiber (var. *c*)[3] na qual as linhas nacaradas dos lados do tronco são verdadeiramente obsoletas, ficando a côr fuudamental de um verde brilhante levemente assombreada.

O *Lacerta muralis,* Laur, encontra-se sufficientemente representado por algumas variedades que facilmente se podem reduzir á subespecie *fusca,* Bedr.

Ácerca das variedades d'esta especie diz o sr. Bedriaga na sua excellente communicação á Soc. Zool. de França, em 9 de dezembro de 1879[4]: «Os limites em que o typo entra na phase de degeneração ou em que a variedade deixa de o ser, e em que começa a progredir em uma nova direcção, e emfim o momento em qne novos germens especificos se originam, são tão difficeis de surprehender nos Lagartos e nos Reptis em geral, que a confusão e a enorme synonymia do *L. muralis* não deve admirar.

«É sabido até que longiquo grau de dissemelhança pode ir o *L. muralis,* sendo necessaria uma paciencia muito bem orientada para saber referir ao typo uma fórma que apparentemente bem estudada, mas consideravelmente diversificada, se julgaria inteiramente nova».

Em Portugal existem inumeras variedades do *L. muralis* que seria difficil estudar sem uma systematisação que as disponha em volta dos typos consagrados. D'este modo e apesar das observações particulares de muitas fórmas pode dizer-se que esta especie se acha representada no nosso paiz pelas duas variedades: *albiventris,* Bonap. e *nigriventris* Bonap. e Beta. A variação oscila com larga amplitude entre estes dois termos, dos quaes se afasta mais ou menos.

O dr. Bedriaga grupou estas fórmas sob a denominação de var. *fusca,* que comprehende algumas sub-variedades de que o Museu de

---

[1] *Jorn. de Sc. Math. Phys. e Nat.*, n.º VII, 1892.
[2] Bedriaga, *Amph. et rept. rec. en Portugal.*
[3] Schreiber, *Herpetologia Europaea,* Braunschweig, 1875.
[4] Bedriaga, *Sur les variétés européenes du Lézard des murailles*—(*Bull. Soc. Zool. de France,* IV, 1879).

Lisboa possue muitos representantes; de modo que as multiplas subdivisões d'esta especie, a mais vulgar entre nós, creadas á custa da sua extrema variabilidade, reduzem-se entre nós a um typo que é a *L. muralis,* Laur, (*Padarcis muralis,* Wagl.) representado pela var. *fusca,* Bedr.

Esta variedade suggere-nos as seguintes considerações: sendo classicamente distinctas as suas tres fórmas (*albiventris, nigriventris* e *rubriventris*) sómente nos parece de facto differente a ultima, pela côr das regiões inferiores, porquanto as outras duas se ligam até á identificação, transitando por uma serie de modificações de côr e desenho, resultando ser mais ou menos manchado o pescoço e o ventre, o que faz com que se vejam egualmente etiquetados exemplares com aquellas regiões cobertas de manchas negras ou com raros pontos azues muito escuros, enegrecidos e dispersos. Raro será encontrar um exemplar com a garganta e o ventre completamente sem manchas.

Varios exemplares do *Lacerta viridis,* Daud., referem-se à var. *Gadowi,* Boulgr.[1] e á var. *Schreiberi,* Bedr.[2], não sendo facil em alguns d'elles destrinçar bem a qual d'estas variedades pertencem, estabelecendo-se uma especie de graduação entre os de uma e outra fórma, como veremos depois na descripçãoe em logar proprio, no seguimento do catalago que vamos publicando. Este facto fôra previsto pelo sr. Bedriaga, quando diz que era possivel achar transições entre aquellas fórmas e chegar-se mesmo a reunil-as sob o nome de *Gadowi,*[3] o que effectivamente o mesmo auctor pratica no seu recente trabalho sobre os reptis e amphibios de Portugal, subordinando na mesma synonymia a sua var. *Schreiberi* ao *L. viridis Gadowi,* Boulgr., e reunindo-as na mesma descripção.[4]

Um dos exemplares d'esta especie existentes no Museu de Lisboa apresenta um phenomeno de variação que nos parece interessante para registar. Assemelha-se parcialmente a ambas as variedades, aparentando as proporções da fórma *Schreiberi* e a pigmentação fina do dorso sobre um fundo verde-escuro, e destacando-se bem nos lados as manchas ocelares verdes, bordadas de negro e abertas superiormente, como muito bem descreve Seoane[5]. Dá-se esta aparente hybridez n'um individuo adolescente da var. *Gadowi,* que se caracterisa exactamente por estes accidentes ornamentaes, e que reconhecemos, já por esta disposição, já pelo seu tamanho e proporções, ser de um individuo sahido da juvenilidade.

Nos ophidios temos occasião de mencionar a *Coronella cucullata,* Geoffr., que é rara.

É possivel a existencia da *C. austriaca,* Laur (*C. lævis,* D. B.)

---

[1] Bonlenger, *Proc. Zool. Londres,* p. 418, dl. XXXVIII, 1884.
[2] Bedriaga, *Beitr. z. Kent. Lacertiden familia.*
[3] Ibidem, *loc. cit.,* p. 81.
[4] Bedriaga, *Amph. rept. rec. en Portugal.*
[5] Seoane, *Identidad de Lacerta Schreiberi.*

no nosso paiz; os srs. Gadow e Rawes denunciaram a sua presença, o primeiro no Alemtejo e o segundo no Minho. Só encontrámos dois exemplares d'esta especie nos depositos do Museu, sem indicação de localidade, sendo comtudo provavel que viessem de Hespanha devidos ao obsequio do distinctissimo herpetologista D. Ed. Boscá. Entretanto não ha referencia alguma que faça crer que esta especie habite tambem o nosso paiz. Assim o sr. Boscà dá-a como caracteristica das altas zonas da fauna castelhana, segundo Graells[1]; Seoane menciona-a na Galliza.[2] Apenas no Museu de Coimbra existe um exemplar que dizem ser d'esta especie[3], e o sr. Sequeira[4] menciona-a, com a auctoridade dos srs. Gadow e Rawes no Alemtejo e no Algarve.

Antes tinham Duméril e Bibron dado como patria d'esta especie a Europa central e meridional, possuindo o Museu de Paris exemplares de França, da Italia em grande maioria e da Russia (Odessa). Schreiber[5], depois de dizer que a existencia d'esta especie é muito restricta no norte da Peninsula pyrenaica affirma que ella falta completamente em Portugal. Não queremos contestar em absoluto a apparição d'esta cobra n'este paiz, mas sendo a sua area habitual a Europa septentrional e central e tornando-se rara no sul da Europa, deve ser rarissima na Peninsula iberica, onde julgamos que ella se acha geralmente substituida pela *C. girondica,* D. B.

Egualmente pelo que respeita à *Pelias berus,* que Steindachner disse ter encontrado no Porto, e á *Vipera aspis* mencionada por Vandelli e Link, e que ultimamente não tem sido encontrada por nenhum explorador viajante ou naturalista, e de que não ha referencias confirmativas do seu apparecimento, sendo para notar que se Schreiber diz que ella é encontravel na Serra do Gerez e em Montalegre é porque repete o que disse Link na sua *Viagem*[6]. D'ella não possue o Museu exemplares da Peninsula hispanica que não sejam do paiz vizinho.

Alguns auctores substituem á vibora conhecida como a *Vipera ammodytes,* L., uma nova especie do sr. Boscá — *V. Latastei*[7] que differe essencialmente d'aquella na inteireza da placa rostral e n'uns pequenos accidentes de desenho. Os exemplares que possue a Secção zoologica do Museu de Lisboa referem-se a esta ultima fórma, e deixa-nos para averiguar se coexistem no paiz as duas especies ou se esta é, como alguns herpetologistas affirmam, a fórma peninsular da vibora

---

[1] Boscá, *Cat. de los rept. y amfibios* (*An. de Soc. Esp. de His. Nat.*, VI, 1877).

[2] Seoane, *Rept. y anfib. de Galicia*, 1879.

[3] L. Vieira, *Cat. dos amph. e rept. de Portugal* (Rel. prof. de zool.), Coimbra, 1887.

[4] Sequeira, *Distribuição geographica dos reptis em Portugal* (Soc. Geogr., 1886).

[5] Schreiber, *Erpetologie Europea*, p. 308 (1875).

[6] Link, *Bemerk. auf. ein. Reisedusch Frank., Span.* II, Part. II, p. 94 (apud. Bedr.).

[7] Boscá, *Sur une forme nouvelle ou peu connue de Vipère* in *Bull. Soc. Zool. de France,* III, 1878.

commum. Os exemplares da collecção portugueza differem do novo typo creado pelo sr. Boscá em alguns pormenores de côr e de desenho, e não nos permittem pelo seu numero confirmar ou infirmar a identidade ou a dualidade de fórmas.

Eleva-se portanto hoje a 37 o numero exacto de especies herpetologicas da nossa fauna, representadas no Museu de Lisboa; serão, porém, susceptiveis de se elevar a maior numero, quando ulteriores explorações e estudos confirmem a suspeita da existencia de alguns generos e especies, ou adeantem o conhecimento de novas fórmas.